

Agora, que estavam a falar baixinho, era mais fácil para Jill acreditar. Depois foi subitamente invadida por uma terrível suspeita e disse (com tamanha fúria que, durante um momento, mais pareceu um tigre):

— Se descobro que estiveste a gozar comigo, nunca mais te falo; nunca mais.

— Não estou — retorquiu Eustace. — Juro que não estou. Juro por... por tudo.

(Quando eu andava na escola, era costume dizermos «Juro pela Bíblia». Mas a Bíblia não era apreciada na Escola Experimental onde Eustace andava.)

— Muito bem — disse Jill —, acredito em ti.

— E não dizes a ninguém?

— Quem é que tu julgas que eu sou?

Trocaram aquelas palavras com grande excitação; mas, depois de as proferirem, Jill olhou em redor, viu o céu sombrio de Outono, ouviu a chuva a gotejar das árvores, pensou em toda a tristeza da Escola Experimental (era um período de treze semanas e ainda faltavam onze para acabar) e disse:

— Mas afinal que interessa isso? Não estamos lá, estamos aqui. E de certeza que não podemos ir para lá. Ou podemos?

— Era sobre isso que eu estava a interrogar-me. Quando regressámos daquele lugar, houve uma pessoa que disse que os dois Penvensies (os meus dois primos) nunca mais lá poderiam voltar. Era a terceira vez que lá iam, estás a perceber? Imagino que já tiveram a sua dose. Mas ele nunca disse que eu não podia. E não posso deixar de interrogar-me se nós... poderemos...

— Queres dizer que há qualquer coisa que faz com que isso aconteça?

Eustace fez que sim com a cabeça.

— Queres dizer que podemos desenhar um círculo no chão... e escrever lá dentro coisas esquisitas... e ficarmos dentro dele... a recitar sortilégios e fórmulas mágicas?

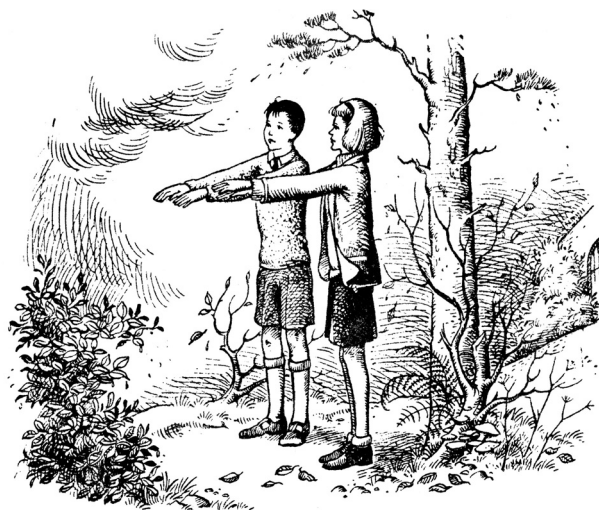
— Bem — disse Eustace, depois de reflectir durante um bocado —, acho que era nisto que eu estava a pensar, embora nunca o tivesse feito. Mas, pensando melhor, acho que todos esses círculos são um disparate. Não julgo que isso lhe agradasse. Parecia que o podíamos obrigar a fazer coisas. Na realidade, só podemos pedir-lhe.

— Mas quem é essa pessoa de que estás sempre a falar?

— No lugar de que te falei chamam-lhe Aslan — respondeu Eustace.

— Que nome curioso!

— Muito menos curioso do que o dono do nome — disse Eustace com ar solene. — Mas vamos lá. Não pode fazer mal só pedir. Vamos pôr-nos um ao lado do outro, assim. Estendemos os braços à nossa frente com as palmas das mãos viradas para baixo, como faziam na Ilha de Ramandu...



— Na ilha de quê?

— Eu conto-te noutra altura. E talvez ele gostasse que nos virássemos para oriente. Vamos lá ver. Onde fica o Leste?

— Não sei — respondeu Jill.

— Uma coisa extraordinária é que as raparigas nunca sabem os pontos cardeais.

— Tu também não sabes! — exclamou Jill, indignada.

— Sei, pois, se não estiveres sempre a interromper. Agora já sei. Ali é oriente, de frente para os loureiros. Então, queres repetir as palavras??

— Que palavras? — perguntou Jill.

— As palavras que eu vou dizer, claro — respondeu Eustace.

— Ora bem... Aslan! Aslan! Aslan! — começou a dizer.